

Voo AF 447: nos radares da mídia

Vuelo AF 447: en los radares de los medias

Flight AF 447: watched on radar by the media

Norberto Kuhn Júnior¹

Vera Martins²

Resumo *Este texto apresenta um relato de aspectos da cobertura jornalística do acidente aéreo com o Airbus AF 447 da Air France, ocorrido no dia 1º de junho de 2009. Matérias publicadas na Folha de S.Paulo (impresa) e no Le Monde (on-line) serão apresentadas sob a perspectiva teórica do acontecimento, tomando-se como critérios de análise aspectos relativos à condição de emergência do fenômeno como ocorrência, a descrição das fontes que serviram de suporte para a narrativa jornalística e a observação do tratamento dado pelos dois veículos às questões ligadas à vida privada das vítimas. Para este texto serão consideradas as reflexões de José Rebelo e Louis Quééré.*

Palavras-chave: *Catástrofe. Acontecimento. Ocorrência. Campos problemáticos.*

Resumén *Este artículo presenta un relato de los aspectos de la cobertura periodística del accidente aéreo con el Airbus AF 447 de la Air France, ocurrido el 1º de julio de 2009. Reportajes publicadas en la Folha de S.Paulo (impresa) y en el Le Monde (on-line) serán presentadas bajo la perspectiva teórica del acontecimiento, tomándose como criterios del análisis aspectos relativos a la condición de surgimiento del fenómeno como un hecho, la descripción de las fuentes que sirvieran como soporte para la narrativa periodística y la observación del tratamiento que ha sido por parte de los dos vehículos a las cuestiones de la vida privada de las víctimas. Para este artículo serán consideradas las reflexiones de José Rebelo y Louis Quééré.*

Palabras-clave: *Catástrofe. Acontecimiento. Hecho. Campos problemáticos.*

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Professor e pesquisador da Universidade Feevale – Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cultura. E-mail: nkjunior@feevale.br

² Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos e integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo da mesma universidade.

Abstract *This paper shows us a report of aspects of journalistic coverage in the crash of Air France Flight 447 on June 1st, 2009. Articles published in the newspapers Folha de S.Paulo (print edition) and Le Monde (on-line) will be presented under the theoretical perspective of the event. Analysis criteria are the aspects related to the emergency of the incident, the description of the sources on which the press based their reports and the observation of the handling given by both to the issues of the private live of the victims. In this text will be considered the reflexions of José Rebelo and Louis Quéré.*

Keywords: *Disaster. Event. Incident. Problematic fields.*

Data de submissão: 10/07/2010

Data de aceite: 16/03/2011

Introdução

Uma sala de controle. Radares. Operadores. Uma tela vazia. Um avião que desapareceu dos painéis. 228 vidas que desapareceram da vida de muitas pessoas. Algo aconteceu a alguém.

Porque o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que ele é suportado por alguém. Feliz ou infelizmente (QUÉRÉ, 2005, p. 61).

As primeiras horas do dia 1º de junho de 2009 foram marcadas pelas muitas interrogações sobre o que poderia ter ocorrido com o airbus da Air France, que saiu do Rio de Janeiro com destino a Paris, e que sumiu dos radares de controle durante a madrugada, em meio a uma tempestade. É sobre esse acontecimento que este artigo vai se debruçar, especificamente sobre as matérias publicadas no Brasil na *Folha de S. Paulo* (versão impressa) e na França, a partir do que foi publicado no *Le Monde* – versão on-line, e que está disponível para acesso gratuito.

Não se trata de fazer um estudo comparativo entre as matérias, pois as suas fontes têm naturezas e dinâmicas diferentes. Trata-se, sim, de esforço para mostrar aspectos da cobertura nos dois países em busca de encontros e afastamentos no modo de abordar o mesmo fato.

Em função da grande quantidade de material coletado, foram estabelecidos recortes para seu estudo. O primeiro recorte é de caráter temporal: a observação se inicia considerando-se as primeiras notícias publicadas sobre o acidente, e encerra-se com o anúncio do resgate dos primeiros corpos das vítimas. O outro recorte é teórico-conceitual, e diz respeito a aspectos de como um dado fenômeno social – nesse caso uma catástrofe – é transformado de acontecimento em acontecimento midiático (ou um produto de mídia) ao emergir do seu local por meio da cobertura jornalística. Nessa perspectiva, as matérias serão observadas e descritas segundo três critérios: o primeiro é o da “ocorrência” (REBELO, 2006a)

propriamente dita; o segundo são as “fontes” utilizadas pelos dois veículos nas reportagens publicadas; e, finalmente, considera-se a abordagem específica sobre as vítimas e seus familiares.

A observação dessas matérias segue, especialmente, as indicações teóricas de dois autores de referência para os estudos sobre acontecimento: Louis Quéré e José Rebelo.

A emergência da ocorrência: da ruptura à restauração no quadro da vida

Não há dificuldade em classificar o acidente com o Airbus AF 447 como um acontecimento. Ele aconteceu no nosso espaço e nosso tempo; é, portanto, atual, e o “potencial de atualidade” é uma das características do acontecimento, segundo Rebelo (2006a). Todos os autores classificam as catástrofes como acontecimentos. E, como todos os acontecimentos, ocorrem independentemente de nossa vontade e contra todas nossas expectativas (QUÉRÉ, 2005), e provocam ruptura no quadro da nossa vida (REBELO, 2006a). Assim ocorreu com as pessoas que estavam naquele voo, com seus familiares e amigos. A atualidade dessa ruptura também se afirma na relevância econômica e social do tema envolvido, pois as viagens aéreas compõem os fluxos globais de bens e pessoas, além de parte importante dos programas turísticos, sempre incentivados como forma de ingresso de recursos e geração de empregos em todas as sociedades.

Para Ponte (2005, p.101), “nunca o acontecimento existe isolado do contexto onde aparece. A sua observação e interpretação ocorrem sempre numa dada situação ou campo problemático e são orientadas pela procura de respostas”. A busca por respostas orientará a cobertura jornalística dos dois veículos e a mobilização das famílias das vítimas.

Respalhado por estatísticas, há, no senso cotidiano, o entendimento de que viagens de avião são mais seguras do que outros meios de transporte, e a expectativa de uma viagem é sempre a expectativa de chegar a algum lugar. No caso do voo AF 447, a expectativa não se confirmou, fazendo

com que a rotina e a vida de muitas pessoas fossem rompidas. Perplexidade, muitas dúvidas, angústia e dor marcaram as primeiras manifestações em relação ao acidente, que se confirmaram em ausência e morte.

Rebello (2006b, p.17) afirma que “o acontecimento opera uma ruptura inesperada na ordem das coisas”, rompendo a trama dos nossos hábitos e rotinas, interferindo assim em nossos projetos e recordações. As recordações dos parentes e amigos das 228 vítimas do voo Rio-Paris ficaram certamente marcadas pelas primeiras notícias sobre o desaparecimento de um avião dos painéis de controle.

Na França, o *Le Monde* noticiou: “Um avião da Air France desaparece em alto-mar no Brasil”³ (*Le Monde*, 1º.06.09), e as notícias que se seguiram anunciavam o acidente como a catástrofe aérea que mais matou nos últimos trinta anos. Em seguida, a Air France fez o comunicado oficial, e anunciou, na França, três números de urgência para informações. No Brasil, no dia 2 de junho, a manchete da *Folha* anunciou que “avião com 228 a bordo some no mar no trajeto Rio-Paris”, e começou a busca por explicações para “o avião que não chegou ao destino” (*Folha de S.Paulo*, 02.06.09).

Essas primeiras notícias se enquadram no que os estudiosos classificam como a primeira fase do acontecimento, ou seja, a emergência da ocorrência propriamente dita. Para Rebello (2006b, p. 17), “a ocorrência tem mais probabilidades de ser considerada acontecimento quando nos incita a reconstruir esse quadro de vida momentaneamente perturbado pela ocorrência inesperada”.

Em seguida, as comunidades brasileiras e francesas, ainda imersas na perplexidade, acompanharam enquanto as instituições responsáveis pelos temas da aviação, no Brasil e França, colocavam em marcha um aparato humano e tecnológico nas buscas pelo avião e por explicações. Isso identifica a segunda fase do acontecimento,⁴ que é a procura de sentido. No caso do acidente com o Airbus AF 447, isso se efetivou na busca por explicações sobre a queda do avião.

³ Tradução dos autores: “Un avion d'Air France disparaît au large du Brésil” (*Le Monde*, 1º.06.09). on-line.

⁴ O autor se refere a três fases, sendo a terceira a diluição do acontecimento na narrativa construída sobre ele. O recorte temporal deste texto não permite a verificação da última fase.

Diante do inesperado, somente as explicações podem restaurar a normalidade, conforme explica Quéré (2006, p. 61):

Esta descontinuidade surpreende e afeta a continuidade da experiência porque a domina. Por isso, fazemos tudo quanto está ao nosso alcance para reduzir as descontinuidades e para socializar as surpresas provocadas pelos acontecimentos: reconstruímos, através do pensamento, as condições que permitiram ao acontecimento produzir-se com as particularidades que apresenta; restauramos a continuidade no momento em que a ruptura se manifestou.

No caso do acidente com o AF 447, a busca pela restauração da continuidade e da normalidade se deu na investigação sobre as causas da catástrofe. Sob esse aspecto, de forma similar nos dois países, autoridades militares e especialistas em aeronáutica foram chamados a dar respostas.

Sem dados concretos, foram noticiadas todas as especulações que começaram em torno de questões climáticas (tempestade e raio), chegando às considerações sobre um possível atentado terrorista. E, como não há imagens do acidente, os dois jornais se esforçaram para, mediante infográficos e ilustrações, dar corpo “ao que pode ter ocorrido”, como diz a *Folha* no dia 2 de junho, como está ilustrado no site do *Le Monde* (Figura 1).



Figura 01. Site do *Le Monde*, 1º.06.09.

A partir desses recursos, os meios de comunicação participam do esforço por restaurar a “ordem da vida”, pois “para restaurar a ordem das coisas é preciso encontrar o sentido, e este sentido se materializa através da construção de narrativas sobre o acontecimento” (REBELO, 2006b, p. 18). Nessa perspectiva, as narrativas midiáticas se apresentam como “não só um espaço de visibilidade e reconhecimento de um dado acontecimento, mas também de *inquérito* na procura de respostas às questões que aquele coloca” (PONTE, 2005, p. 101).

É assim que os dois veículos elaboraram a narrativa midiática desse acontecimento. A narrativa, segundo Rebelo (2006b, p.18), é a maneira de transportar o acontecimento para além dos limites de onde ele aconteceu:

São as narrativas que possibilitam a “passagem do possível imprevisível ao possível previsível. Previsibilização pela domesticação do imprevisível. Ultrapassagem da incerteza. Restauração de um mundo.

E onde aconteceu o acidente com o AF 447? No aeroporto do Rio de Janeiro, onde os passageiros se despediram de seus familiares? Em alto-mar, sem testemunhas? No aeroporto de Paris, onde não aterrissou? Na falta de informações precisas e de imagens, a narrativa jornalística se concentrou em preencher as páginas dos jornais com aspectos que rodeiam a teia desse acontecimento, como, por exemplo, suas projeções no tempo.

A questão temporal do acontecimento ocupa lugar importante nas reflexões de Rebelo (2006b), que aponta para a confluência das temporalidades passadas e futuras, mas alerta:

Tal confluência de passado e futuro não é aleatória. É ideológica. Segundo seus efeitos pretendidos, pode exprimir uma maior insistência no passado ou maior insistência no futuro (REBELO, 2006b, p. 19).

Para o autor, essa projeção é tripla. O primeiro movimento dela é para trás, e pode ser ilustrado pela pesquisa e elaboração de uma lista dos principais acidentes aéreos dos últimos anos (esforço comum aos dois veí-

culos), na tentativa de vislumbrar conexões, semelhanças e algum sentido para o acontecimento do presente.

O segundo movimento seguirá com o objetivo de reconstituir os caminhos possíveis: causas detectadas e efeitos observados do acontecimento. É o caso de todas as notícias que deram conta das possíveis falhas num equipamento do avião como causa do acidente: “Queda do AF 447: os sensores de velocidade colocados em questão”⁵ (*Le Monde*, 06.06.09).

E, finalmente, num terceiro movimento, a tripla projeção no tempo se prolonga na direção do futuro, prevendo as consequências. No caso da queda do avião da Air France, acarretou revisão dos protocolos de segurança (procedimentos e equipamentos) para impedir novas catástrofes aéreas, como noticiou o *Le Monde* no dia 6 de junho de 2009: “Depois do desaparecimento do voo AF 447, Air France modifica certos equipamentos dos seus Airbus”.⁶

Os dois jornais, participando da construção desse acontecimento por meio da narrativa, preocuparam-se em ilustrar (Figuras 2 e 3), dia a dia, os esforços das autoridades dos dois países na busca por sinais que indicassem o que ocorreu com o Airbus AF 447:



Figura 02. Fragmento do site *Le Monde*, 03.06.09, on-line.

⁵ Tradução dos autores: “Crash de l’AF 447: les capteurs de vitesse mis en cause” (*Le Monde*, 06.06.09), on-line.

⁶ Tradução dos autores: “Après la disparition du vol AF 447, Air France modifie certains équipements de ses Airbus” (*Le Monde*, 06.06.09).



Figura 03. Imagem veiculada pela *Folha de S.Paulo*, 03.06.09.

As fontes e a emergência dos campos problemáticos

O segundo critério de análise da cobertura da queda do avião da Air France, voo AF 447, na perspectiva do acontecimento, são as fontes utilizadas pelos jornais *Folha de S.Paulo* e *Le Monde*. A diversidade de fontes (organizações, governos, pessoas, articulistas, peritos) mobilizadas para falar sobre o fenômeno revela o “problema político” (REBELO, 2006a) ou o “campo problemático” (QUÉRÉ, 2005) a que esse acontecimento se relaciona.

Segundo Rebelo (2006a), para que um acontecimento venha a revelar um problema político, deve ser assumido como problema pela sociedade no seu conjunto, deve resultar num debate contraditório e conflituoso, e a ele deve ser associada uma ação pública visando à sua resolução. Também nessa linha de reflexão, Quéré (2005) fala dos acontecimentos como singularidades que emergem de campos problemáticos, nos quais se organizam vizinhanças – entendidas como campos inter-relacionados – das quais emergem as suas soluções.

Na descrição desse aspecto do acidente, é possível observar, na cobertura do *Le Monde* e da *Folha de S.Paulo*, a quantidade de vezes chamadas a se manifestar sobre o tema. O acidente ocupou, durante dias, aparatos oficiais dos dois países, mobilizou peritos de diversas áreas e co-

moveu milhares de pessoas com os relatos de dor e desespero de familiares e amigos. Os órgãos oficiais e os peritos buscavam, cada um em sua área de atuação, encontrar vestígios e explicações, oferecer respostas, ajuda e amparo. Os familiares queriam notícias contundentes.

Na *Folha de S.Paulo*, as informações vieram de fontes como autoridades militares encarregadas das investigações, autoridades políticas fazendo os pronunciamentos oficiais de condolências e luto, e das companhias aéreas, como a Air France, diretamente interessada no caso. Também se manifestaram especialistas, como aqueles autorizados a falar sobre temas ligados à aviação (sindicatos de pilotos), e também médicos, falando sobre a situação dos familiares das vítimas. O jornal trouxe ainda a voz de articulistas, informações coletadas entre leigos, parentes (reunidos em uma associação) e amigos das vítimas.

Já o *Le Monde* buscou informações, além da Air France, entre as autoridades dos governos francês, brasileiro (Agência Nacional de Aviação Civil – Anac, Infraero, Marinha, Exército, Defesa) e estadunidense quanto ao tema das buscas pelos destroços do avião. Em relação às possíveis causas da queda do avião, o jornal francês noticiou especialmente informações vindas do Bureau Enquête Accident (BEA), órgão francês responsável pelas investigações.

O jornal também ouviu especialistas ligados à aviação, antigos pilotos e especialistas da área médica, como os psiquiatras contratados para assistir as famílias das vítimas no Brasil e na França. Sobre as vítimas, foram ainda ouvidos o porta-voz da associação francesa das vítimas e o pai de um brasileiro morto no acidente.

O site utilizou ainda outros veículos de comunicação como fonte, entre eles *El Mundo* (Espanha), *Le Figaro* (França) e *Folha de S.Paulo* (Brasil). Autoridades como o presidente Lula, o Papa e Barack Obama também foram ouvidas.

Essa descrição das fontes, portanto, dá ideia da dimensão do acontecimento e dos agentes sociais que assumiram os temas ligados ao acidente, conformando-o como problema político que mobilizou a sociedade em torno de sua solução.

Vítimas e seus familiares: algo aconteceu a alguém

Na observação das matérias publicadas nos dois países, sem dúvida o que marca de forma mais acentuada uma distinção na cobertura desse acontecimento são as notícias que envolvem as vítimas e seus familiares.

Para Ponte (2005, p. 103),

os media poderão mais do que ser suporte da identificação e da exploração de acontecimentos e de debate público pelo alcançar das suas soluções. Os modos como os configuram e reconfiguram fazem desta arena, nas sociedades abertas, um território de tensão e de disputa desigual de vozes e de acessos.

A tensão marcará as reações, por exemplo, dos familiares em diversos momentos. No Brasil, as famílias relatam histórias privadas e exigem o acompanhamento das buscas de forma mais próxima; na França, algumas reações revelam ações mais contundentes do Estado no sentido de expressar, e reconhecer nas ações protocolares, a extensão da catástrofe.

No caso da cobertura realizada pelo *Le Monde*, as informações serão predominantemente tratadas e analisadas de modo global, impessoal, ou seja, tomadas nas formas de medidas estatísticas, classificadas em grupos, de maneira que não reflita, nem faça nenhuma referência direta, a um sujeito identificável individualmente.

As referências feitas às pessoas que desapareceram no acidente se davam sempre pelo número de vítimas (228) e pela lista que, além da nacionalidade, com o passar dos dias passou também a apresentar uma divisão segundo sexo e faixa etária dos mortos. Há menção aos diversos motivos que levaram essas pessoas a estar no avião (lua de mel, passagens trocadas, férias etc.). Somente um nome de vítima é mencionado, e há notícia que comenta o fato de que algumas vítimas viviam em Paris.

Durante o período observado, somente uma fotografia (Figura 4), mostrando discretamente os familiares, foi publicada, embora diariamente sua difícil situação fosse lembrada por autoridades e especialistas.



Figura 04. Imagem veiculada no *Le Monde*, 02.06.09.

Em relação aos familiares, as notícias concentram-se no tema dos sistemas para informações e, especialmente, no programa de acompanhamento colocado à sua disposição pela Air France. São os especialistas que atendem nos dois aeroportos, com psiquiatras para ajudar a trabalhar o luto na fase da ausência de corpos e objetos materiais, e advogados para esclarecer sobre providências jurídicas e administrativas.

A cobertura do acontecimento sob esse aspecto foi revestida de impessoalidade. Quando o *Le Monde*, na reportagem publicada no dia 2 de junho, sob o título “Voo Rio-Paris: a ajuda psicológica é fundamental”,⁷ se debruçou sobre a situação dos familiares (sem citar um só nome), ouvindo profissionais que acompanham vítimas de tragédias e situações de luto, acabou recebendo crítica de um(a) leitor(a): “Este artigo dá a impressão de que os jornalistas procuram o mínimo pretexto para uma nova manchete”.⁸

Também se fala desses familiares quando eles receberam o comunicado oficial da empresa aérea, que diz compartilhar suas emoções e inquietações. Os familiares apareceram mencionados no anúncio da ce-

⁷ Tradução dos autores: “Vol Rio-Paris: l'aide psychologique est "fondamentale". *Le Monde*, 02.06.09. on-line.

⁸ Tradução dos autores: “Cet article donne l'impression que les journalistes cherchent le moindre prétexte pour faire un papier de plus”. *Le Monde*, 02.06.09. on-line.

rimônia ecumênica em homenagem às famílias na Notre Dame, e da prece na Grande Mesquita de Paris, e ainda nas notícias sobre a declaração de luto oficial no Brasil.

Essa maneira de tratar as questões ligadas ao universo privado das vítimas e de seus familiares revela traço cultural que pode ser considerado de reserva e respeito à situação das pessoas mais diretamente afetadas pela tragédia. Mas a reação de um(a) leitor(a) do *Le Monde* mostra que talvez algumas pessoas gostariam de outro tipo de tratamento desses temas, pelo menos por parte das autoridades. No dia 3 de junho, foi publicada a notícia sobre as cerimônias religiosas em homenagem às vítimas do acidente com o AF 447 e seus familiares (Figura 5). No espaço para os comentários (*vos réactions*) dos leitores e leitoras, lê-se o seguinte:

O Brasil é profundamente francófilo e desde muito tempo. É uma tragédia comum. As homenagens religiosas não são suficientes e não estão à altura da França (que não é novidade). É preciso um luto oficial. Há três dias de luto oficial no Brasil. Seria bom fazer do mesmo modo na França pelas vítimas de todas as nacionalidades que podem não se reconhecer numa homenagem religiosa em particular...⁹ (*Le Monde*, 03.06.09, on-line)



Figura 05. Fragmento do site *Le Monde*, 03.06.09.

⁹ Tradução dos autores.

Para descrever o tipo de cobertura dado pelo jornal *Folha de S.Paulo* sobre as vítimas e seus familiares, podemos pensar, junto com Rebelo (2006a), que muitos acontecimentos são percebidos dentro de uma “naturalização” dos fatos sociais:

Da catástrofe aérea ao ciclone, do atentado ao acidente rodoviário, do fatídico ao crime de guerra, nos ecrãs televisivos, uma desgraça segue-se a outra. E a explicação do mundo reduz-se cada vez mais a uma volta ao mundo do sofrimento. Num bom noticiário de televisão, há cadáveres aos montes, mães que gritam, crianças que choram, casas devastadas e unidades de ajuda psicológica que convidam as vítimas a exprimirem a sua dor. Comentadas com as mesmas palavras, as mesmas vozes graves, os mesmos olhos úmidos, todas as tragédias humanas acabam por se assemelhar.

A cobertura da *Folha de S.Paulo* é cheia de detalhes, de esforço por apresentar a vida das pessoas que desapareceram, e a explicitação do impacto desse acontecimento na vida cotidiana de seus parentes e amigos. Mas a forma de enquadrar esse acontecimento específico se vê reproduzida no tratamento dado a outros eventos, que podem envolver desde o universo esportivo aos programas dedicados à vida de grandes artistas. O que se observa é o mesmo modelo aplicado: fotos de vários momentos da vida das pessoas, depoimentos de parentes e amigos (Figuras 6, 7 e 8).



Figura 06. Imagem veiculada na *Folha de S.Paulo*, 03.06.09.



Figura 07. Imagem veiculada na *Folha de S.Paulo*, 03.06.09.



Figura 08. Imagem veiculada na *Folha de S.Paulo*, 02.06.09.

A cobertura revelou ainda o comportamento de cumplicidade desses parentes e amigos para com o veículo de comunicação, fornecendo as matérias publicadas, contando detalhes privados da vida dos desaparecidos no voo Rio-Paris, ou segurando uma foto diante das câmeras, como o caso do aposentado Nelson Faria Marinho (Figura 9), que segura a foto do seu filho Nelson (vítima do acidente) com a família.



Figura 09. Imagem veiculada na *Folha de S.Paulo*, 04.06.09.

Temos então que a cobertura se caracterizou, na *Folha de S.Paulo*, pela divulgação constante de informações acerca da identidade das vítimas: nome, idade, profissão, motivos da viagem, histórias de vida. Foram publicados relatos de parentes e amigos sobre as últimas horas no Brasil. Também foram valorizadas as histórias das coincidências, do destino, contando de pessoas que, pelos mais diversos motivos, deveriam estar naquele avião e não embarcaram.

Os familiares acompanharam pelo jornal os comunicados do governo francês reiterando serem ínfimas as chances de encontrar sobreviventes, e da Air France dizendo que não havia chances de encontrar pessoas com vida. Os familiares das vítimas tiveram espaço na cobertura: reclamaram da falta de informações, pediram listas de passageiros e bagagem à companhia aérea, foram mostrados acompanhando as buscas da base de Recife. Também no Brasil, assim como na França, foram noticiadas todas as manifestações oficiais em relação às famílias, como o encontro destas com o presidente francês Sarkozy e as cerimônias religiosas no Rio e em Paris.

Acontecimento e as teias de campos problemáticos

Este estudo da cobertura jornalística da *Folha de S.Paulo* e do *Le Monde* sobre o acidente com o *airbus* do voo AF 447 considerou aspectos relativos à condição de emergência do fenômeno como ocorrência, a descrição das fontes que serviram de suporte para a narrativa jornalística e a observação do tratamento dado pelos dois veículos às questões ligadas à vida privada das vítimas. A partir desses aspectos afirmamos, com base em Quéré (2005, p. 21), que esse acontecimento está imerso numa teia de campos problemáticos:

Muitas vezes, porém, um problema é formado por uma multiplicidade de elementos constitutivos, dispostos numa relação de integração, ao mesmo tempo em que se entrelaça com outros problemas conexos. Podemos falar

então de um campo problemático. Diversos campos problemáticos constituem assim a trama da vida de um indivíduo num dado momento (problemas de saúde, de trabalho, de casal, de filhos, de dinheiro etc.).

Como ocorrência temos a catástrofe e, em torno dela, os campos problemáticos que ela revela: a morte, as tecnologias, as condições climáticas, os protocolos de segurança, integrados de tal forma que mobilizam um aparato social para colocar as perguntas e buscar respostas e soluções para os problemas que ela deixa à vista. Ponte (2005, p. 102), ao refletir sobre o lugar da mídia no reconhecimento dos campos problemáticos, afirma o

papel de arena dos media, como contribuem para expor novos problemas, para redefinir a própria natureza da questão, para tornar públicos dados que sustentam que se fale de temas antes tabus, contribuindo assim para uma espiral de reconhecimento.

Na mesma espiral de reconhecimento dos campos problemáticos, se reconhece também o entrelaçado de vozes, que vêm de diversas fontes, para produzir as respostas que o acontecimento exige: as instâncias governamentais, cuja eficiência foi questionada e posta à prova; os especialistas, que foram chamados a apontar as causas e a dar explicações que restaurassem a ordem e a tranquilidade; e, finalmente, os parentes e amigos das vítimas, que se constituem num outro campo problemático, no qual se entrelaçam as duas instâncias já citadas (ocorrência e fontes).

Essas pessoas, nas suas manifestações, num primeiro momento estamparam a perplexidade perante o inesperado, perante a ruptura da trama de suas vidas, para, em seguida, se integrarem à narrativa do acontecimento, cobrando da empresa e dos órgãos governamentais dos dois países informações e providências. A cobertura jornalística mostrou familiares e amigos se relacionando com os especialistas, dos quais passam a ser alvo de atendimentos e programas de acompanhamento.

Conclusão

O acontecimento da queda do voo Rio-Paris não inaugurou novos campos problemáticos; porém, revelou a constituição dos múltiplos campos problemáticos para os quais a sociedade é chamada a dar respostas. É pela cobertura midiática que se podem identificar campos problemáticos e reconstituir a teia desses campos nos modos como se entrelaçam em tensões, conflitos e respostas que o acontecimento revelou. Foi então, como já sustentou Rebelo (2005), a narrativa midiática que arrastou a queda do AF 447 do mar aberto para o cotidiano das comunidades brasileira e francesa, antes mesmo que qualquer vestígio do avião fosse encontrado.

No caso desse acontecimento – a queda do AF 447 –, os campos problemáticos para os quais a sociedade é chamada a dar respostas são relativos, tanto à capacidade dos órgãos oficiais de mobilizar esforços e recursos para atender à população, quanto à necessidade de respostas de ordem tecnológica, sobre equipamentos e protocolos de segurança nos meios de transporte aéreos.

A restauração de uma ordem em um tempo presente depende, portanto, dessa busca por respostas; nessa perspectiva, a narrativa midiática projeta o acontecimento em distintas temporalidades: um passado, de onde se buscam as causas do acidente, para assim oferecer explicações seguras aos familiares das vítimas, o que implica apontar as indubitáveis causas e os responsáveis para as devidas punições; um futuro, para o qual se dirigem os esforços de restabelecimento da confiança, não apenas em uma empresa em particular de transporte aéreo – sua preservação e continuidade dos seus negócios –, mas de todo um sistema tecnológico em torno do qual esse tipo de transporte é operado.

Para além das questões objetivas, esse acontecimento, como experiência vivida, se inscreve na teia dos campos problemáticos como um conjunto de perguntas e respostas de cunho filosófico sobre a finitude da vida e a capacidade humana de suportá-la; nos remete, portanto, para

a problematização das maneiras como estamos compondo a trama dos nossos modos de viver que, cada vez mais, dependem da nossa confiança em aparatos tecnológicos.

Referências

- PONTE, C. Media e acontecimento (com)sentido. *Trajetos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 6, p.101-104, primavera de 2005.
- QUÉRÉ, L. Entre fato e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajetos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 6, p.59-75, 2005.
- REBELO, J. Os acontecimentos mediáticos como actos de palabra. IC, *Revista Científica de Información y Comunicación*, n. 3, 2006a, Sevilla, Sección Claves. Disponível em: <<http://www.institucional.us.es/revistas/revistas/comunicacion/pdf/numero%203/art2.pdf>>. Acesso em: 20.07.09.
- REBELO, J. Prolegómenos à narrativa midiática do acontecimento. *Trajetos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 8-9, p.17-27, primavera/outubro de 2006b.

Matérias de jornal

- Folha de S.Paulo*. “FAB localiza destroços do Airbus”. São Paulo, SP, 03 de julho de 2009, capa.
- Folha de S.Paulo*. “Herdeiro da família real brasileira voltava para casa”. São Paulo, SP: 02 de julho de 2009, *Cotidiano*, p.4.
- Folha de S.Paulo*. “Mãe e filho somem; em voos diferentes, pai e filha chegam”. São Paulo, SP: 03 de julho de 2009, *Cotidiano*, p.5.
- Folha de S.Paulo*. “Parentes montam comissão para acompanhar as buscas”. São Paulo, SP: 04 de julho de 2009, *Cotidiano*, p.6.
- Folha de S.Paulo*. “Parentes se dividem entre esperança e incredulidade”. São Paulo, SP: 03 de julho de 2009, *Cotidiano*, p.4.
- Le Monde. on-line*. Paris, França. 01 de junho de 2009. Disponível em: <<http://www.lemonde.fr/>>. Acesso em: 17.06.09.
- Le Monde. on-line*. Paris, França. 02 de junho de 2009. Disponível em: <<http://www.lemonde.fr/>>. Acesso em: 17.06.09.

Le Monde. on-line. Paris, França. 03 de junho de 2009. Disponível em: <<http://www.lemonde.fr/>>. Acesso em: 17.06.09.

Le Monde. on-line. Paris, França. 06 de junho de 2009. Disponível em: <<http://www.lemonde.fr/>>. Acesso em: 17.06.09.